

II
VERTENTE PROJECTUAL

Trabalho Prático submetido como requisito parcial para obtenção do grau de
Mestre em Arquitectura

DOCENTES

Doutor Paulo Alexandre Tormenta Pinto, Professor Auxiliar
Arquiteta Ana Lúcia Rosado Silva Barbosa, Assistente Convidada
Arquitecto Gonçalo de Sousa Byrne, Professor Catedrático Convidado

II.a
VERTENTE PROJECTUAL
Trabalho de Grupo

Débora Félix, Filipa Biscainho, Ivan Jorge, Salvador Menezes, Tânia Santos, Vanessa Belchior

Amadora - Evolução do Tecido Urbano

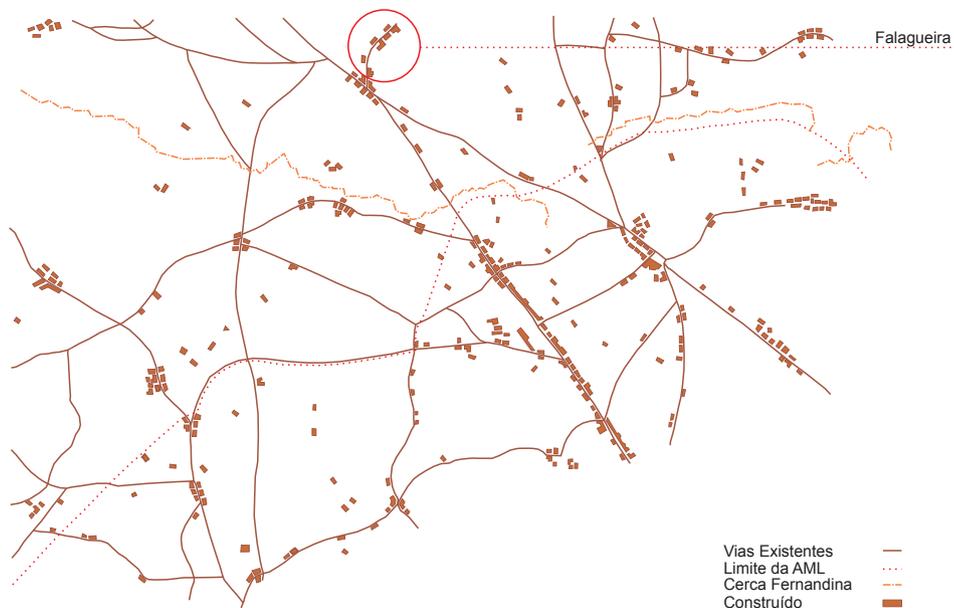
As primeiras comunidades de agricultores na Amadora datam do 4º e o 3º milénio a.C.

As construções que caracterizavam a periferia da grande Lisboa tiveram lugar no tempo da Romanização, das quais destaca-se o Aqueduto Romano da Amadora, que teve origem na Barragem Romana de Belas e percorre um grande trajecto ao longo do Vale da Ribeira de Carenque até Amadora (Bairro da Mina).

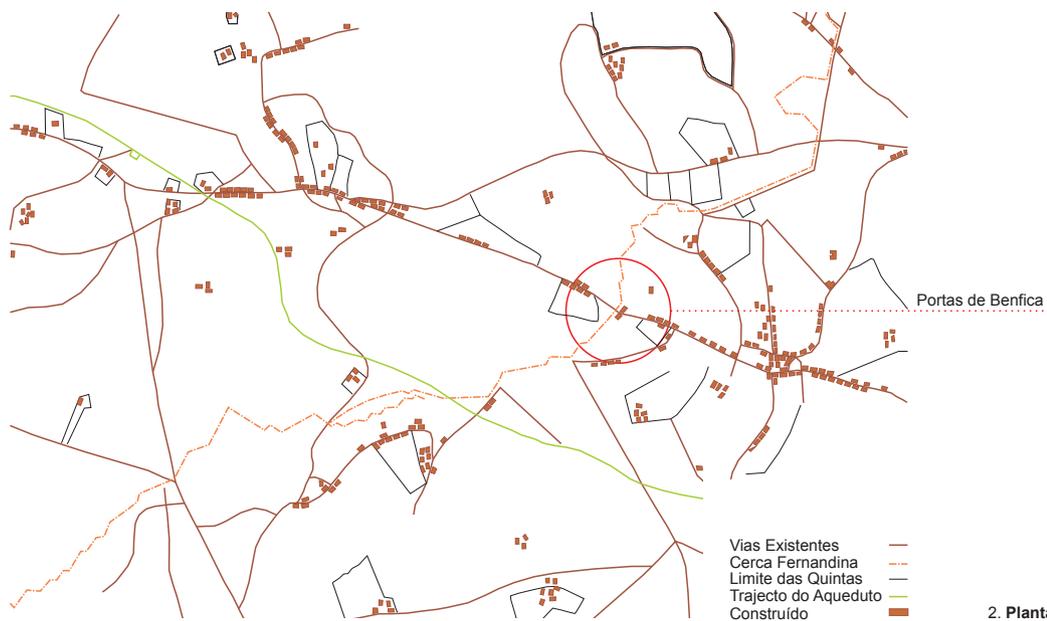
Durante a governação Filipina (Filipe II) iniciou-se um projecto global de abastecimento de água para a toda a cidade. Construiu-se então o Aqueduto das Águas Livres que ligava o antigo aqueduto Romano e as nascentes de Caneças a Lisboa, resolvendo assim o problema de abastecimento de água da capital. Com esta intervenção alterou-se drasticamente a paisagem rural surgindo então outro tipo de construções que acabavam por marcar o território, como as Mães de Água.

Até aos anos finais do séc. XIX todo o território do actual concelho estava ocupado por campos e hortas existindo praticamente apenas duas aldeias, A-da-Beja e a Falagueira. (Figura 1)

O tecido urbano da Amadora era composto por uma série de casarios e algumas moradias com quintas, pardieiros e hortas, alongadas á beira da Estrada Real de Queluz (actual Rua Elias Garcia). (Figura 2) A Porcalhota e a Ponte de Carenque eram os locais que transmitiam uma imagem mais urbana ao local.



1. Planta de 1885



2. Planta de 1893

A cidade de formação mais recente desenvolveu-se numa área deserta, permitindo desviar a pressão urbanística gerada fora dos núcleos de povoamentos antigos. Por esse motivo os núcleos antigos encontram-se á margem dos modernos o que depois deixou de se verificar até ao surto de construções clandestinas.

O principal acesso á cidade de Lisboa fazia-se pela Estrada de Benfica. Com a criação do caminho-de-ferro em 1887, com destino a Sintra, dá-se um surto de construção nos principais núcleos existentes ligando Alto Maduro|Porcalhota, Amadora|Venteira permitindo assim a criação de uma estrutura de ocupação linear que primeiramente acompanhava a estrada de Benfica, e agora, desenvolvia-se ao longo do caminho-de-ferro. (Figura 3)

No princípio do século XX começaram-se a construir os primeiros bairros de moradias unifamiliares dos quais se destaca o Bairro Parque da Mina pela sua estrutura assente no modelo “cidade-jardim”, e ainda o Bairro das Cruzes/ Venda Nova.

Em 1931 implantou-se a primeira unidade industrial na Venda Nova, Borrachas Industriais, S.A.. Formaram-se as condições para a ocupação suburbana que teria lugar nas décadas seguintes com a criação das primeiras Companhias de União Fabril.



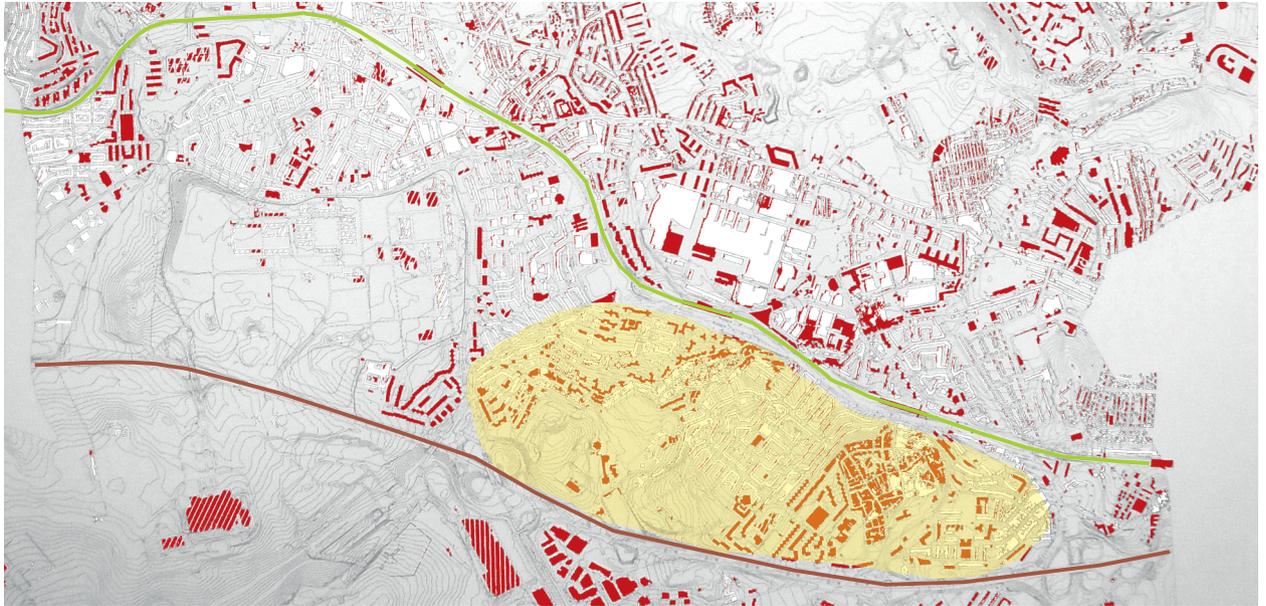
3. Planta de 1898
Estrutura Linear Evidente

- Vias Existentes ———
- Cerca Fernandina - - - - -
- Cerca Moura??? - - - - -
- Traçado do Aqueduto ———
- Limite das Quintas ———
- Vias Secundárias ———
- Construído ———

Nos anos 40 do século XX, a Amadora consolidou-se em diversos núcleos: Venda Nova, Damaia e a Buraca. As tipologias das construções continuaram o que tinha sido feito anteriormente e desenvolveram edifícios multifamiliares de três a quatro pisos. Em 1949 elaborou-se o primeiro plano de Urbanização na zona da Amadora, onde se definiu as grandes áreas de ocupação urbana do eixo Benfica-Amadora-Queluz.

Na década de 1960 desenvolveu-se um novo Plano de Urbanização para a Freguesia da Amadora, elaborado pelo arquitecto Aguiar. Com este plano era clara a intenção de melhoramento dos acessos, através de grandes vias de atravessamento. Procurou-se estabelecer uma estrutura mais autónoma diminuindo a dependência de Lisboa. Começaram a surgir ocupações autónomas ao caminho-de-ferro em Alfragide, ao nível da habitação e da indústria. Nesta década surgiram os primeiros núcleos clandestinos na Brandoa, Mina, Alto dos Moinhos, etc.

Nos anos 1970 começou a emergir um tipo de construção mais densificada, de quatro a sete pisos. Com a construção da radial da Buraca (já prevista no Plano Aguiar-1967) melhoraram-se as ligações a Lisboa, permitindo um acesso mais facilitado à Damaia, Buraca e Alfragide. No entanto ao criar este acesso paralelo ao caminho-de-ferro, acabou por haver um estrangulamento das populações residentes, impedindo as ligações Norte-Sul. (Figura 4 e Figura 5)



4. 1975



5. 2004

Bairro do Alto da Cova da Moura

Nas últimas décadas, a consolidação de bairros degradados multiculturais em Portugal têm estado associadas a novas formas de segregação urbana. Esta realidade tem sido marcada pela crescente estigmatização destes bairros e pelo isolamento social e político dos seus habitantes.

O Bairro da Cova da Moura, situado no Concelho da Amadora, é um dos maiores e mais antigos núcleos de população imigrante da Área Metropolitana de Lisboa. Caracterizado pela sua génese ilegal, este núcleo degradado surge quase espontaneamente em terrenos privados e do Estado, no princípio dos anos 1940. Quando a exploração agrícola na Quinta do Outeiro é abandonada no fim da década de 50 do século XX, surgem as primeiras casas de construção em madeira, maioritariamente concentradas em dois núcleos: um junto à casa da quinta e constituído sobretudo pelos antigos trabalhadores; o outro no limite Nordeste, próximo da antiga pedreira. Esta ocupação estava ainda associada a uma agricultura de subsistência que era exercida não só pelos habitantes das barracas situadas no terreno, mas igualmente por residentes dos bairros vizinhos onde muita da população tinha recentemente chegado da província.

A partir da década de 1970 houve uma ocupação mais acentuada por parte da população cabo-verdiana, presume-se que na altura já habitavam no local cerca de 360 pessoas. A proximidade à cidade de Lisboa e as acessibilidades às principais rodovias permitiam aos habitantes, na sua maioria de baixos recursos económicos, uma boa acessibilidade aos transportes públicos e respectivos empregos e serviços que a cidade de Lisboa oferecia. (Figura 6) Com a constituição da Comissão de Moradores, em 1978, a abertura de ruas obedece a um plano da própria comissão, que representou um gesto importantíssimo na

gestão dos terrenos e no controlo da dinâmica construtiva.

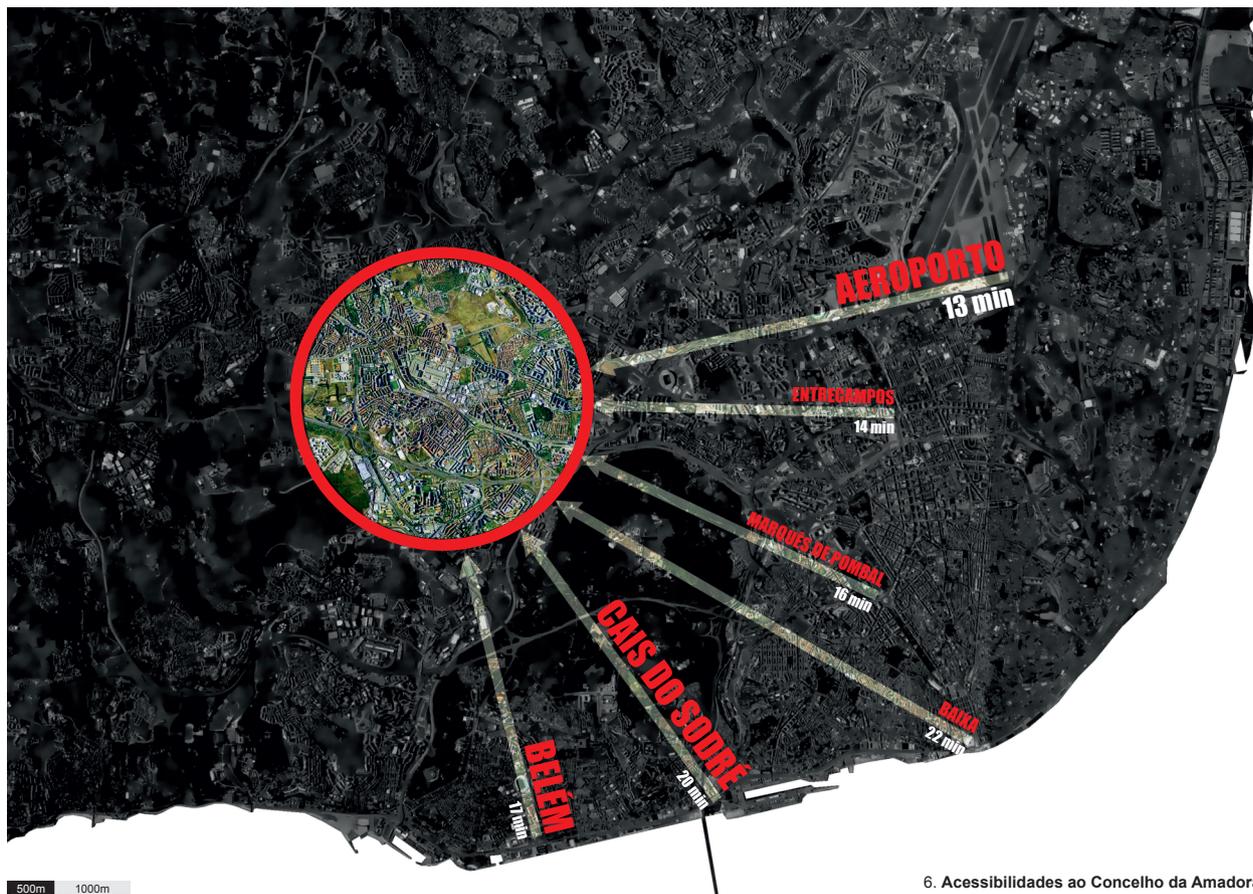
O 25 de Abril e a liberalização política fizeram com que as novas correntes migratórias das ex-colónias portuguesas contribuíssem para a proliferação de bairros ilegais por todo o país, particularmente nas Áreas Metropolitanas de Lisboa e do Porto. A Cova da Moura não foi excepção, e actua como reflexo da construção desenfreada de habitações, por vezes sem condições mínimas de habitabilidade, que acompanhou o *boom* populacional no fim dos anos 1970.

Actualmente, com uma área de 16 hectares, a Cova da Moura possui uma população de aproximadamente 5500 pessoas de várias etnias. Os Cabo-Verdianos são dominantes, correspondendo a cerca de 2/3 da população do bairro, os restantes imigrantes são brasileiros e da Europa de Leste, em menor quantidade, e os portugueses. É ainda importante referir que cerca de 22% desta população tem menos de 14 anos, e 45% tem menos de 24 anos, o que resulta numa população etnicamente diversa maioritariamente jovem e pouco qualificada para o mercado de trabalho.

A diversidade étnica resulta numa heterogeneidade morfológica espacial. A sul há uma maior concentração de africanos, com um traçado tortuoso de ruas estreitas, becos, casas, barracas e anexos “encavalitados”, resultando assim numa malha labiríntica claustrofóbica. A Norte predomina um padrão de quarteirões, numa tentativa de malha ortogonal, com um maior número de ruas pavimentadas e com a inclusão pontual de pequenos jardins ao redor da casa. Nesta zona predominam sobretudo portugueses e os ex-colonos, embora seja impossível catalogar com precisão os ocupantes de um bairro tão densamente mesclado.

Esta fragmentação da malha urbana nestas duas grandes áreas permite criar uma separação dos modos de ocupação: a norte e a sul. Resultando assim em duas organizações sócio-espaciais significativamente diferenciadas. Na área sul, ao contrário do que acontece a norte, reina a sobreocupação, a exiguidade e a precariedade das habitações, assim como uma prática cultural que potenciou a transferência das actividades domésticas para o espaço público, favorecendo assim a apropriação das ruas, largos e becos como espaços de convívio intenso.

Através de inquéritos feitos pelo LNEC verificou-se que o inquilinato começou a tomar expressão em meados da década de 1990, de forma crescente, verificando-se, em simultâneo, uma clara diminuição da forma de auto-construção.



6. Acessibilidades ao Concelho da Amadora

Estratégia Proposta

Para perceber quais os problemas socioeconómicos e culturais que os bairros étnicos contêm, foram analisados três casos de estudo: as comunidades migrantes de Chinatown, em Manhattan, e duas comunidades emigrantes portuguesas. Em Paris, os bairros de lata de Champigny, e *Little Portugal* em Newark nos EUA.

Em relação a Chinatown, concluiu-se que se encontra perfeitamente integrada na malha urbana e com um mercado forte. Este exemplo foi importante na definição da estratégia para a Cova da Moura pois mostra uma perspectiva integradora de uma comunidade diferente, que, ao explorar a sua cultura trouxe para a cidade de Nova Iorque uma nova vivência. Quando as comunidades se interligam e integram com a envolvente, podem ser extremamente benéficas e conseguem promover a diversidade dentro da cidade. Por este motivo **“Assumir a diferença e Promover a Ligação”** são aspectos fundamentais na hora de intervir.

Foi, também, importante perceber como é que as comunidades emigrantes portuguesas se integraram na malha urbana de outro país. Sendo a população portuguesa das mais emigrantes da Europa na década de 1970/80, foi interessante perceber o impacto que tiveram nas cidades de Paris e Newark. Ambos os exemplos mostram duas realidades distintas. No caso do bairro de Champigny, a ocupação portuguesa era composta por bairros de lata nas periferias da cidade, como o que acontece na Cova da Moura. O outro caso, “Little Portugal”, formou-se na década de 1910 e tem uma grande concentração portuguesa que explora o comércio típico.

Destes dois casos, o que nos interessou mais foi a comunidade de Paris. O governo Francês resolveu o problema urbano destruindo na totalidade o bairro precário, o que revela que a probabilidade da Cova da Moura ser demolida não é completamente descabida. Analisando as

hipóteses de abordagem ao tema e estruturando uma ideia fundamentada, foi criado no âmbito do grupo uma posição. **Não destruir! Reabilitar é a nova abordagem!**

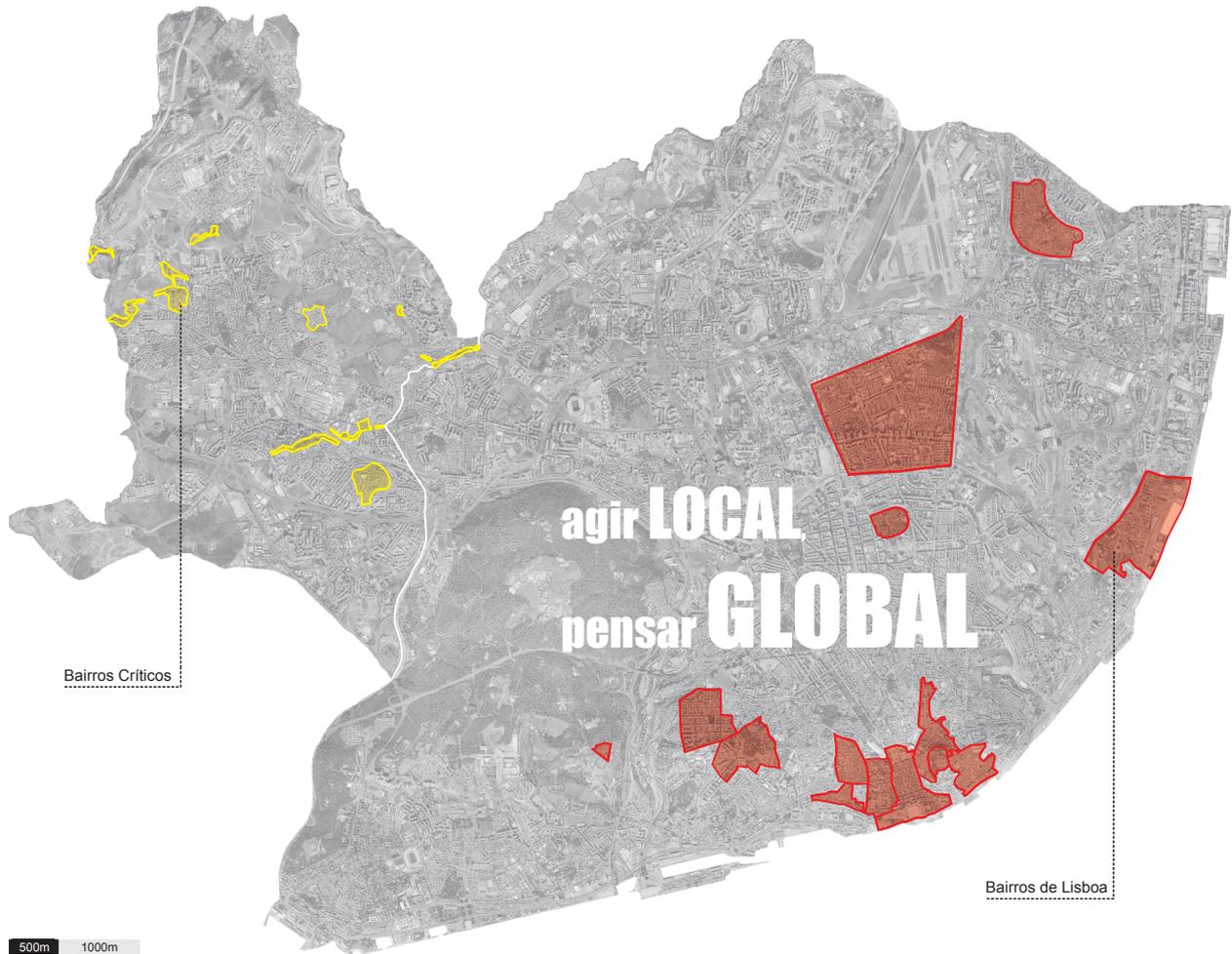
A ideia de exploração comercial da Cova da Moura pode ser extremamente perversa, no entanto acredita-se que reabilitar é um meio de dar condições para que o próprio território se possa regenerar.

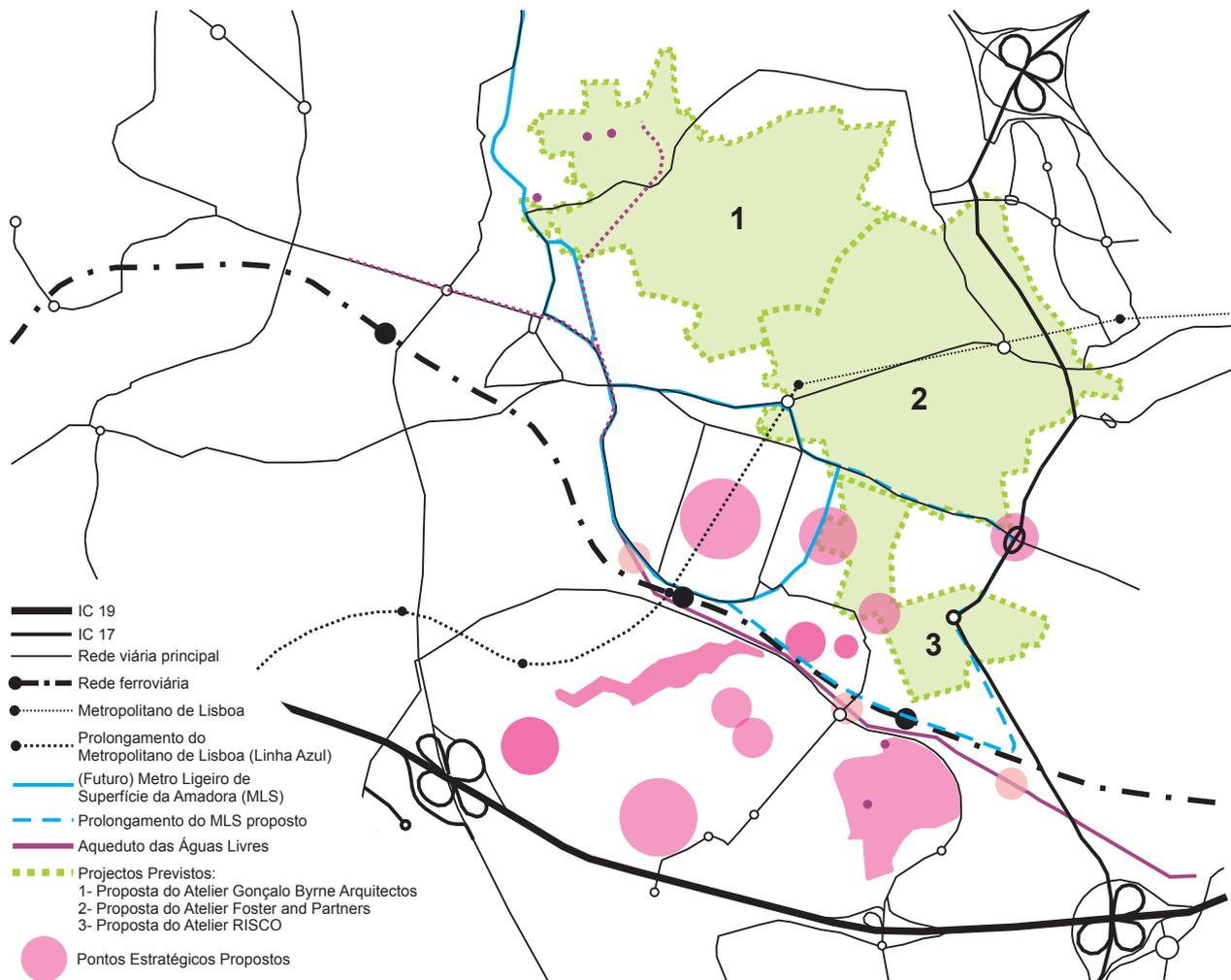
Uma das hipóteses posta em causa para o bairro foi a sua destruição, podendo implantar uma cidade de negócios (Figura 7) ou uma urbanização totalmente nova.

Para intervir na Cova da Moura não basta pensar apenas no bairro, é preciso ter em conta a sua envolvente. Chegou-se então à conclusão que se devia: **Agir Local, pensar Global!** (Figura 8) Para implementar esta estratégia é preciso definir um plano global, não só para resolver as carências da Cova da Moura como as do próprio município da Amadora. Estabelece-se então um mapeamento de funções que podem ajudar a resolver os problemas do local, com uma rede de saúde, cultural e desportiva. (Figura 9 e Figura 10)

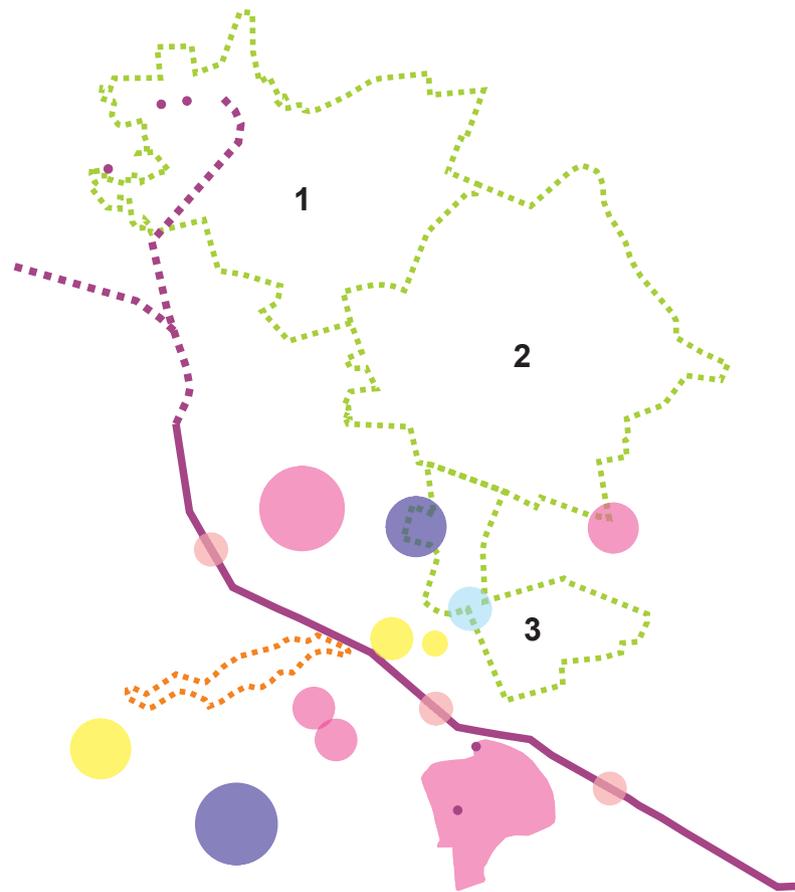


7. Fotomontagem - Hipótese de intervenção na Cova da Moura





10. Pontos Estratégicos Propostos em Confronto com o Existente



- Aqueduto das Águas Livres
- Rede Cultural Proposta
- Rede Ensino e Formação Proposta
- Rede Saúde Proposta
- Rede Desportiva Proposta
- Projectos Previstos:
 - 1- Proposta do Atelier Gonçalo Byrne Arquitectos
 - 2- Proposta do Atelier Foster and Partners
 - 3- Proposta do Atelier RISCO
- Possível requalificação com fins desportivos / lazer

600m 1200m

10. Esquema Geral da Proposta para o concelho da Amadora

Estabelecendo uma estratégia geral – cultura, desporto e saúde – na envolvente e incluindo a Cova da Moura numa rede cultural, percebe-se que este bairro terá de passar por uma reabilitação e requalificação.

«O objectivo urgente é fazer uma cidade bem desenhada, que seja também claramente amigável e, portanto, humanizada. Uma cidade de que nos orgulhemos pela sua valia cultural, mas também onde aconteçam coisas e onde de vez em quando apeteça ir por uma dessas ruazinhas que não se sabe onde irão acabar, deixando correr o tempo ao sabor dos passos erradios...»(1)

Concluiu-se que (re)humanizar, (re)habilitar e (re)habitar foi o melhor método de intervenção para o caso de estudo. Manteve-se o carácter do lugar e promoveu-se a continuação do mercado interno, dando-lhe melhores condições e mais qualidade.

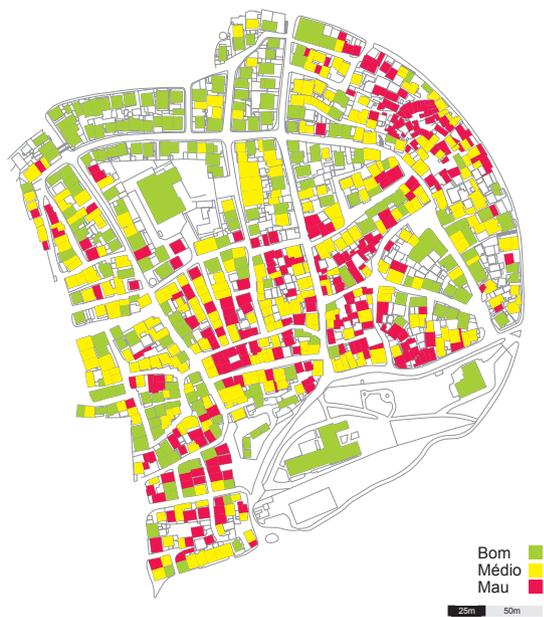
Foi feito um levantamento (com base no inquérito do LNEC e no inquérito feito pela Faculdade de Arquitectura de Lisboa) dos espaços devolutos, parcialmente devolutos e em mau estado de conservação e traçou-se uma estratégia de demolições e reabilitações.

Tendo em conta estes estudos, propôs-se a desafecção do interior dos quarteirões, a reabilitação dos largos existentes (que permitem criar nova utilização da rua) e um desvio do circuito rodoviário da Carris pelo interior do bairro, que passaria pela rua principal.

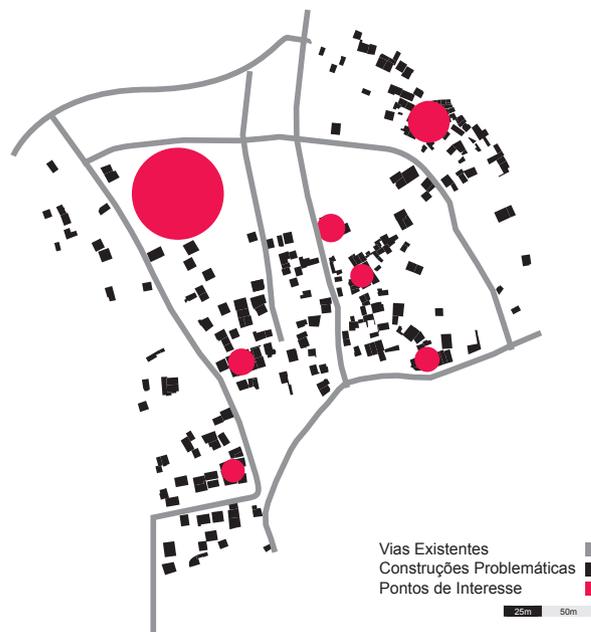
Desenvolveu-se ainda a uma estratégia de ocupação dos edifícios devolutos, transformando-os em espaços para empresas e comércio com as condições necessárias. A intenção não é criar uma estrutura arquitectónica que contenha um mercado local, mas sim, que este continue a desenvolver-se de modo espontâneo e em circunstâncias mais favoráveis.

Em suma, não se cria um mercado, pois ele já está instituído, mas criam-se as infra-estruturas que permitem um melhor desempenho do mesmo.

1 -Daniel Filipe, Discurso sobre a cidade, Lisboa, Editorial Presença, Coleção Forma n.º 8, 1977 (1.ª ed. 1956), pp. 51, 70.



11. Estado de Conservação dos Edifícios



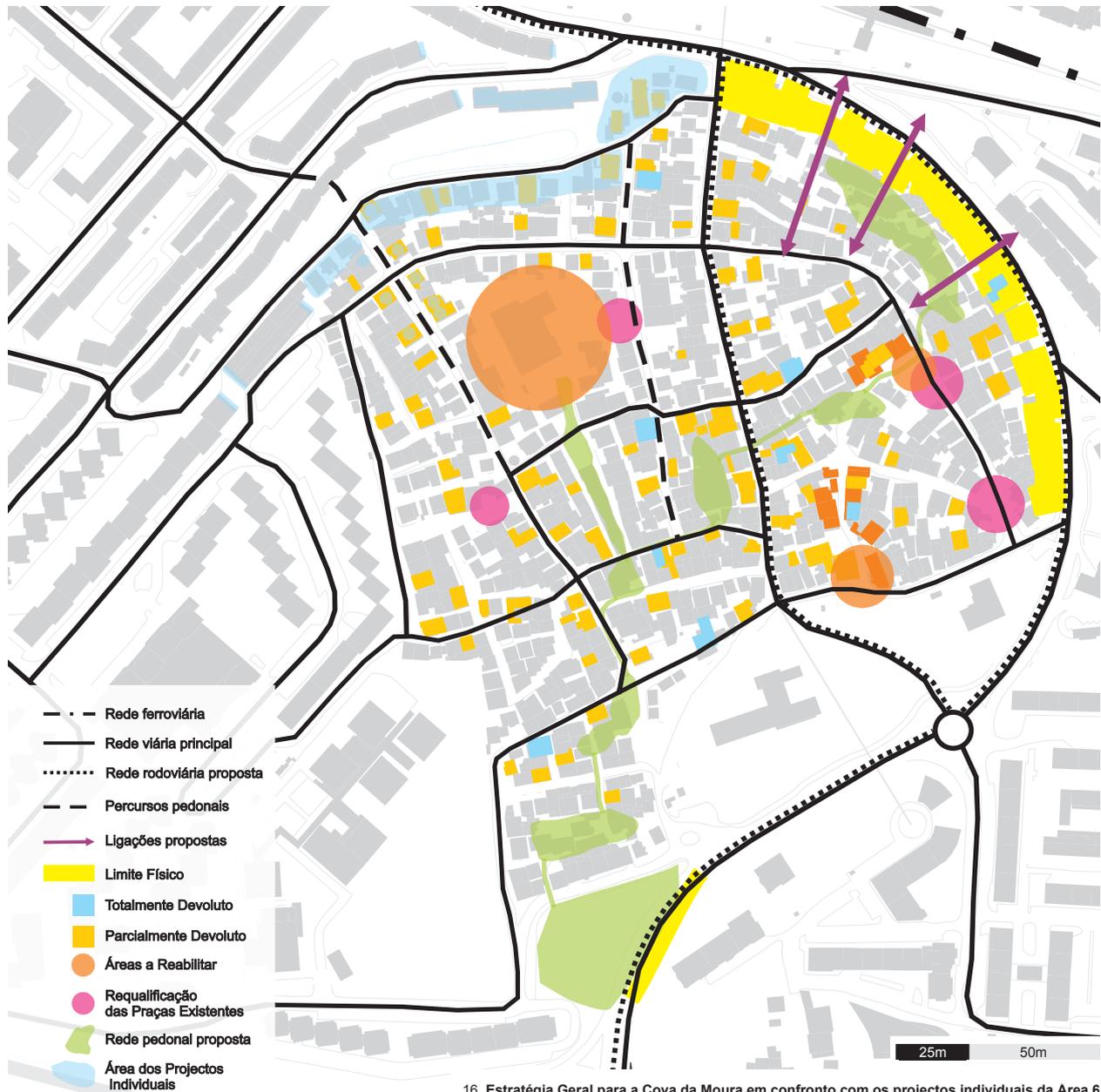
12. Pontos de Interesse a Reabilitar



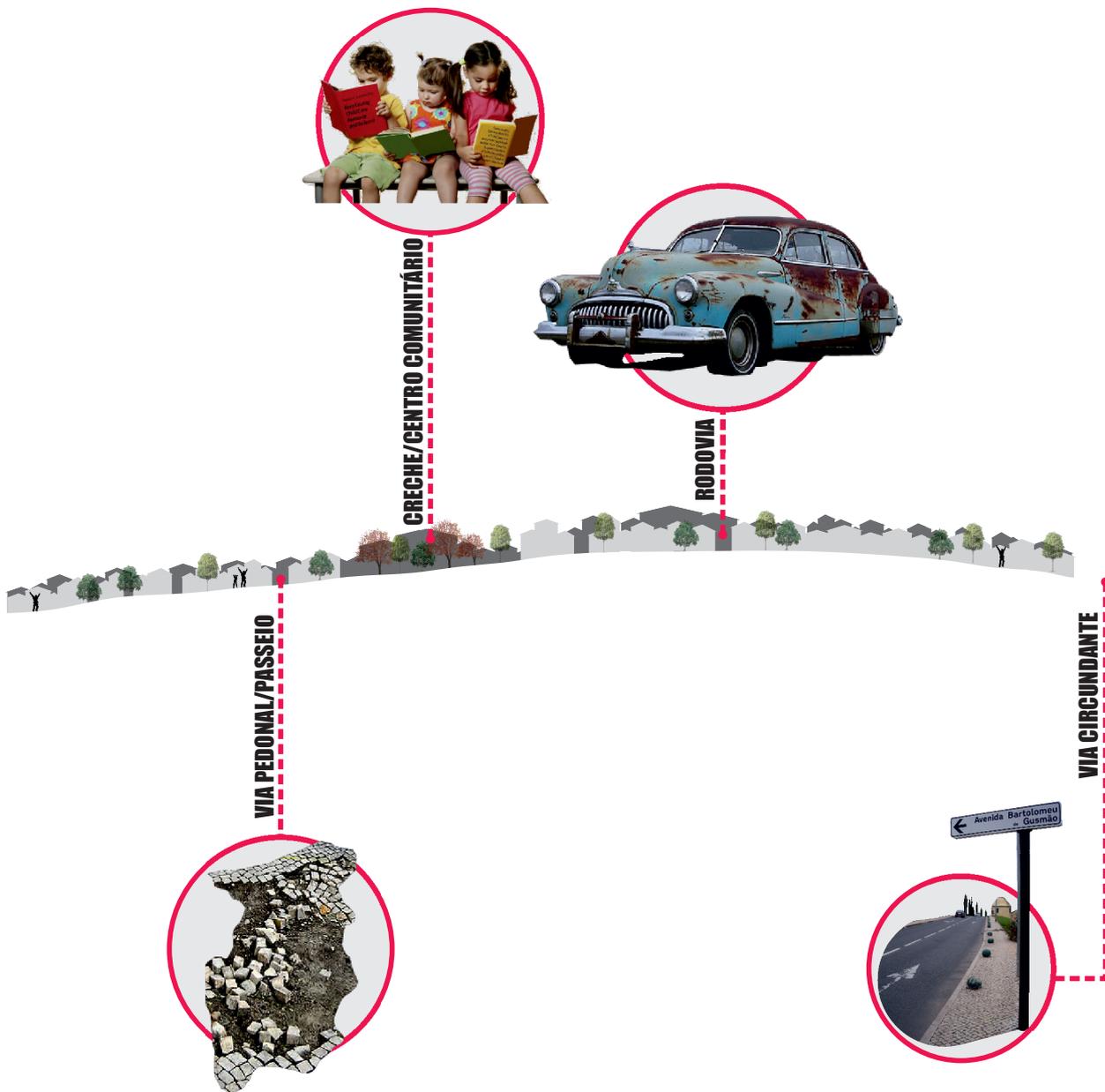
13. Construções Problemáticas a Demolir



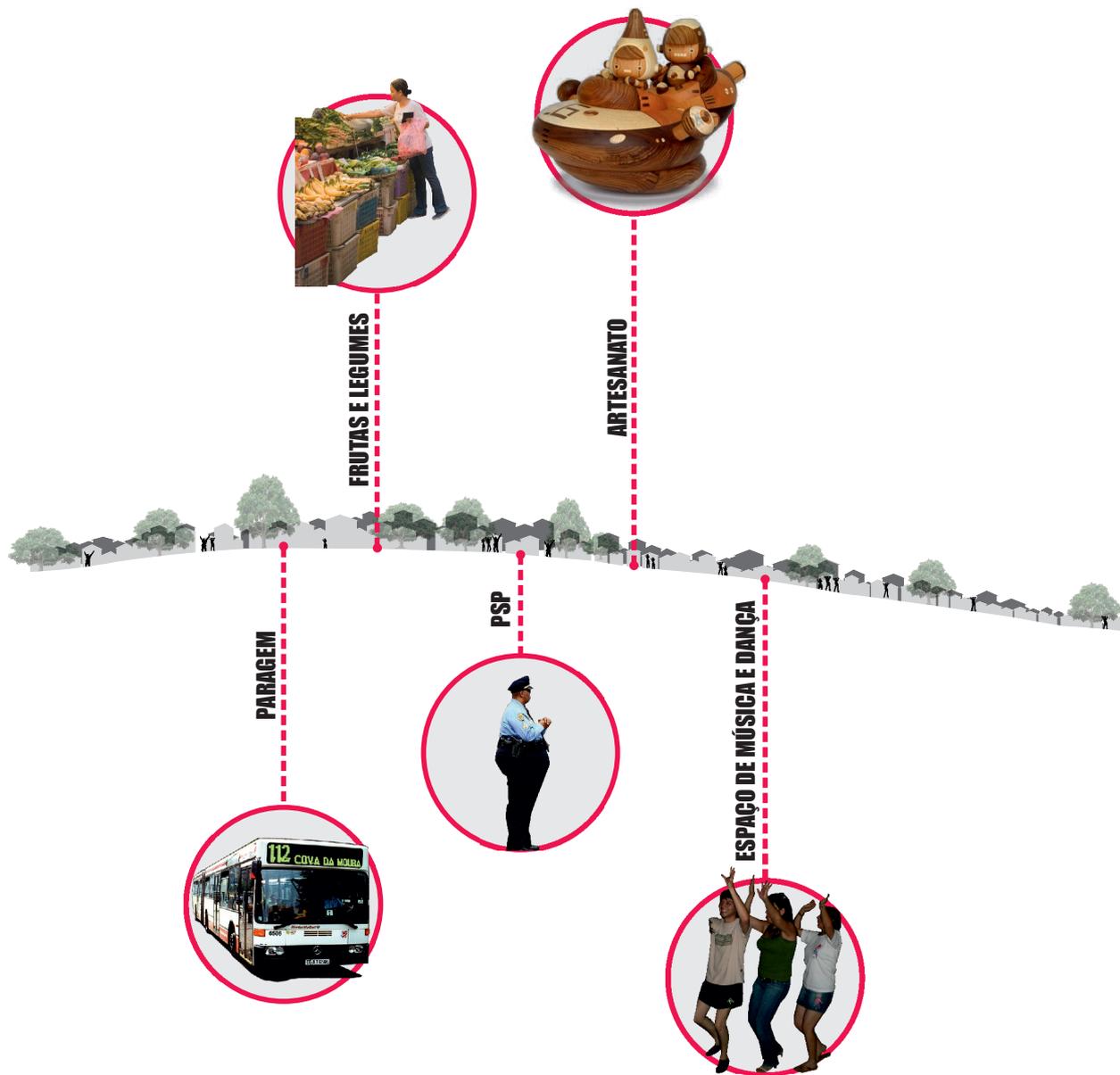
14. Estratégia de desocupação no Interior dos Quarteirões



16. Estratégia Geral para a Cova da Moura em confronto com os projectos individuais da Area 6



17. Infra-estruturas em falta na Cova da Moura



18. Temáticas Propostas (Transportes, Polícia, Mercado e Artesanato)



19. Fotomontagem - Rua da Cova da Moura após a Intervenção

Índice de Imagens

II.a. - Vertente projectual de Grupo

1. Desenho do Autor sobre a Planta de 1885, Autoria do Grupo
2. Desenho do Autor sobre a Planta de 1893, Autoria do Grupo
3. Desenho do Autor sobre a Planta de 1898, Autoria do Grupo
4. Planta de 1975, In. Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal, 2003
5. Planta de 2004, In. Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal, 2003
6. Acessibilidades ao Concelho da Amadora, Autoria do Grupo
7. No que se poderia transformar a Cova da Moura, Autoria do Grupo
8. Pensar Global, Agir Local, Autoria do Grupo
9. Pontos Estratégicos Propostos em confronto com o existente, Autoria do Grupo
10. Esquema Geral da Proposta para a Amadora, Autoria do Grupo
11. Estado de Conservação dos Edifícios, com base no estudo do LNEC
12. Locais de Interesse a Reabilitar, Autoria do Grupo
13. Construções Problemáticas a Demolir, Autoria do Grupo
14. Estratégia de desocupação do Interior dos Quarteirões, Autoria do Grupo
15. Distribuição Programática pelos Largos Existentes, Autoria do Grupo
16. Estratégia Geral para a Cova da Moura em confronto com os projectos individuais da Área 6, Autoria do Grupo
17. Infra-estruturas em falta na Cova da Moura, Autoria do Grupo
18. Temáticas Propostas (Transportes, Polícia, Mercado, Artesanato), Autoria do Grupo
19. Rua da Cova da Moura após a Intervenção, Autoria do Grupo

Bibliografia

- . DIAS, Manuel Graça. Manual das Cidades, Relógio D'Água Editores, Lisboa, 2006
- . ALMEIDA, Álvaro Duarte de; BELO, Duarte. *Portugal Património Volume VII*, Lisboa, Circulo de Leitores, 2006
- . BAPTISTA, Luís Santiago. *Condições Periféricas*, ARQ/A nº67, Março 2009
- . BAPTISTA, Luís Santiago. *Condições Periféricas*, ARQ/A nº68, Abril 2009
- . BANDEIRA, Pedro. *Projectos Específicos para um Cliente Genérico* – Porto, Dafne Editora, 2006
- . BASILICO, Gabriele, *Arquitectura em Portugal*, Porto, Dafne Editora, 2006
- . Câmara Municipal da Amadora. *Apontamentos para a História da Amadora ou o desfazer de uma lenda - Memórias de António Cardoso Lopes*, Câmara Municipal da Amadora, Lisboa, 1989
- . Câmara Municipal de Lisboa. *Lisboa e o Aqueduto*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1997
- . DOMINGUES, Álvaro. *Paisagem revisitada – II Fórum Internacional sobre Feísmo*, Galiza pág.1-6, 2007
- . DOMINGUES, Álvaro. *Transgénicos –*, 2001
- . DOMINGUES, Álvaro. *Cidade e Democracia – 30 Anos de Transformação Urbana em Portugal*, 2004
- . FRAMPTON, Kenneth. *História da Arquitectura Moderna*, São Paulo, Martins Fontes, 2003

- . GUEDES, Âmancio. *Manifestos, Ensaios, Falas, Publicações = Manifestos, Papers, Lectures, Publications*, Lisboa: Ordem dos Arquitectos, 2007
- . KOOLHAAS, Rem. *Delirious New York*, New York, The Monacelli Press, 1994
- . MINHATERRA, *Amadora Raízes e Razões dum identidade* - Câmara Municipal da Amadora, Lisboa, Edições ASA, 2000
- . ROWE, Colin; KOETTER, Fred. *Collage City* (1979), Barcelona, GG Reprints, 2ª Edição 1998
- . SILVA, F. Nunes da; PEREIRA, Margarida. *Ilusões e desilusões, das periferias na Área Metropolitana de Lisboa*, Ano 2. Novembro de 1986, pág. 14-24